



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS
AUTORIZADO A CIRCULAR EM INVÓLUCRO FECHADO DE PLÁSTICO OU PAPEL
PODE ABRIR-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL



O Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envol fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

24 de Junho de 2006 • Ano LXIII • N.º 1625
Preço: € 0,30 (IVA incluído)
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Acílio • Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Galato — 4560-373 Paço de Sousa • Tel. 255752285
Fax 255753799 - Email: obradarua@iol.pt — Cont. 500788898 — Reg. D.G.C.S. 100398 — Depósito Legal 1239

Malanje

Problema da fome

Os produtos fora de prazo — alimentos estragados, encontrados nas lixeiras da Bélgica, dariam para alimentar 3.500 pessoas durante um ano!, segundo investigação e critérios rigorosos. Só não acredita quem não viu, como eu já vi grandes armazéns de batatas e montes de frutas apodrecidas...

Bélgica é um país pequeno, imaginemos na escala europeia e americana...

O que nos fará acordar?

Cataclismos? Guerras? A nossa própria fome?

É muito urgente o despertar colectivo para estes problemas.

Os países ricos, com sua mesa farta, nem sequer pensam no problema da fome. Eles não conhecem a fome — basta-lhes, e até desejam, o apetite. Fome é (para eles) uma palavra longínqua.

As crianças dos muçiques e favelas do mundo sabem «mamã tenho fome».

— Mas tu falhaste, roubaste?

— Mas o senhor é pai, tem que me ajudar, não tenho mais ninguém.

Outro que foi multado por não ter carta, o mesmo discurso.

Na mentalidade angolana, o pai e a mãe perdoam sempre. Poucas vezes vi castigar uma criança. Os filhos são reis. Casal que não tem filhos, fica frustrado.

Sinto-me criticado por, muitas vezes, procurar ajudar rapazes, que não merecem, na conquista de um emprego ou, até, lhes matar a fome. Isto me deixa com certa incerteza do caminho a seguir.

Um deles safu para Luanda, por mau comportamento, e tomou boleia no nosso carro que transportava roupa e géneros para os nossos rapazes do Lar. Em Ndalandando houve avaria séria e ele aproveitou para vender quase tudo.

Esteve muitos anos ausente. Apareceu agora para lhe pagar cinco meses de renda, senão a dona da casa põe-lhe os tarefas fora.

— Não tenho mais ninguém.

Apetecia-me dizer-lhe que fosse à vida. Não tenho coragem e vou para a cova com estas fraquezas.

Numa família angolana o pai iria pagar a renda...

— O senhor é um avô sem

genica! — disse-me um antigo gaiato. Recordo, neste momento, o dia em que encontrei uma Pobre que eu visitava numa rua de Miragaia. Ia chorando em direcção ao Tribunal. Quando me viu, correu e pediu-me que fosse com ela, pois tinham prendido o filho.

— Como?, a senhora ontem queria matá-lo!...

— Mas agora está preso. Venha comigo!

E lá fui com ela, passeio fora — como par de noivos.

Padre Telmo

Momentos

Paciência

PACIÊNCIA e perseverança são as posições interiores que se impõem na hora em que alguns homens atacam para destruir a Obra da Rua.

Deus ama toda a gente mesmo aqueles que O odeiam e lutam contra a Verdade. Esta, é o nosso principal esteio e o fundamento da nossa força.

Só a Verdade mete medo aos homens. Onde ela aparece encarnada em pessoas e obras, os cegos não descansam enquanto não entrarem na ilusão de que são capazes de a arrasar.

Foi assim com Jesus. É o caminho normal dos inimigos de Deus. Nada temos de nos admirar nem temer.

Quando o Paganismo toma as proporções dos tempos actuais, dominando, na poderosa comunicação social, que havemos de esperar? — Se não o que vemos. Os Pobres é quem nos faz sofrer, porque eles, sim, desamparados apanham as consequências...

Um padre pobre, que falta faz aos Pobres? — Pensam os soberbos e os poderosos — Se fosse um homem rico! — Daria ainda uma migalha!... Mas?, agora um pobre!

É assim o seu pensar! A história está cheia disto.

As inquisições. Os tribunais populares. As linchadelas, etc., são de outros tempos! — Os ímpios de agora não fazem coisas destas! — São puros!... Nós é que somos maus.

Olhados como se tivéssemos sido enclausurados, há sessenta anos, não evoluímos.

A vida não puxou por nós! A educação contínua e ininterrupta de gerações de crianças e rapazes, como os nossos, não nos abriu os olhos para a pós-modernidade! — Não! — Somos uns tontos.

Os académicos, esses, sim, esses é que sabem, nós somos ignorantes.

Paciência! Temos de ter paciência com os ímpios... E até com alguns pios.

Valha-nos Deus que não faz acepção de pessoas.

Quem pratica a Verdade e faz a Justiça é aceite por Ele!

Padre Acílio

Calvário

Sapiência

ENCONTRA-SE aqui um doente que sofreu um grave acidente de trabalho e, em consequência dele, ficou sem conserto. Perdeu a noção do tempo e do espaço. Da família não digo o mesmo, que já não a tinha. Era um homem só.

Esta situação foi parar aos tribunais e por lá anda, como tantas outras semelhantes.

Entretanto, fui chamado a tribunal. Pensava eu que era por causa do doente que recebera, mas não: era por causa de todos eles. Uma turbulenta tempestade caíra sobre a Obra da Rua e fui constituído arguido. O tribunal veio a nossa Casa, viu, ouviu, questionou, inquiriu e rejeitou todas as acusações por infundadas e decidiu arquivar o processo.

Ora, enquanto este decorria os seus trâmites, o senhor Procurador volta a chamar-me a tribunal. Pensava eu que era por este processo. Enganei-me outra vez. Nunca acerto. Agora, era por causa do doente sinistrado que havia recebido. E com muito empenho pediu-me que aceitasse ser nomeado tutor do doente. De imediato, dirigimo-nos ambos ao gabinete do senhor Doutor Juiz para formalizar o acto e assumir a responsabilidade de cuidar do doente. O mesmo procurador que me acusava de maus tratos aos doentes pedia-me agora que fosse tutor de um deles. Era uma absolvição antecipada: outro modo de dizer que continuasse com o meu trabalho de olhar pelos doentes.

Nem Salomão, em toda a sua sabedoria, se teria lembrado de tomar uma decisão destas: transformar o acusado em tutor da suposta vítima.

Outro modo de proferir sentenças!

A nossa vida é cheia de contradições inesperadas que nos dão cada vez mais gosto de vivê-la.

Padre Baptista

Cinquentenário

NÃO é a morte a nossa referência; é o nascimento para a Vida, que assim se fala em linguagem cristã da morte dos Justos: *dies natalis*. Dos justos — de quem o tempo, demolidor que é por natureza, não apaga a memória; de quem a Igreja aguarda o milagre atribuído à intercessão do Servo de Deus para o proclamar oficialmente bem-aventurado; mas de quem o Povo, na sua intuição dos valores eternos, há muito o vem proclamando tal e nessa imagem o conserva vivo em suas mentes e em seus corações.

Foi um dia doloroso e de prova aquele 16 de Julho de há cinquenta anos. Há dias, tive a grata visita de alguém que era então garoto de dez anos. Ele próprio ainda não sabe porque quis tanto integrar-se naquela multidão que durante toda a noite de 16 para 17 encheu as ruas e praças em volta da Igreja da Trindade para, um a

um, irem passando a despedir-se daquele Homem que no seu ser temporal desaparecia. A sua condição de menino não lhe dava ainda a consciência do valor daquela vida. Mas quis e esteve e passou como os outros a despedir-se. «Foi um S. João ao contrário. Em vez de folia, dor; mas noite de comunhão tal como a que dá valia singular à noitada de S. João» — me disse ele. Interessante forma de exprimir, de que nunca me tinha lembrado nem ouvido!

Pois é este espírito de comunhão que perdura e anima as intenções de muitas pessoas que não querem deixar a data no silêncio que poderia ser tomado por esquecimento. E eu gostaria de informar já hoje (só nos resta depois deste, O GAIATO que sairá em 8 de Julho) dos programas que gentes do Porto têm em preparação para celebrar a efeméride — mas não consigo dar

conta de tantos projectos que nos foram contados.

Dias 13 e 14 de Julho, à noite, haverá encontros no Círculo Operário Católico na Rua Duque de Loulé e na Juventude Católica na rua Passos Manuel. Creio que no sábado, 15, será a romagem à estátua de Pai Américo na Praça da República e também ao *larguinho* com o seu nome no Barredo. À noite, no Palácio de Cristal — Biblioteca Almeida Garret, terá lugar a apresentação da Fotobiografia de Pai Américo. E no domingo, dia 16, deslocados de várias formas, algumas desportivas, muitos querem estar conosco em Paço de Sousa, no grande encontro da Família com rapazes nossos de várias gerações e os seus familiares, conforme à tradição cumprida ao longo deste meio século. Esperamo-los este ano, ainda com mais empenho.

Eis o cinquentenário de uma morte, pleno de vida, como de vida é toda a herança que Pai Américo nos legou.

Padre Carlos

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

PAI AMÉRICO — Naquele tempo, ele desejava que eu fosse ver o ambiente dos rapazes na distribuição d'O GAIATO, no Porto, no coração da Cidade. Aí soube, nesse dia, de Julho, que Pai Américo estava no Hospital de Santo António, após um desastre de automóvel, perto de Valongo.

Então, corri a subida dos Clérigos. E não sei como consegui lá entrar... no Hospital.

Evidentemente, locais com ordens próprias.

Só por me ver, ele ficou tão satisfeito, apesar do seu mal: «*Oh Júlio! Tu por aqui!?*...»

Também por ali fiquei, até que os nossos Padres acharam por bem.

Erá um dia de muito calor!

Ele precisava de água. Fui buscá-la ao sítio — com ordem da enfermagem.

Entretanto, desejava um sacerdote e corri o Hospital.

Ainda me lembro, aquele dia que jamais esqueçamos: a viagem de ambos para Paço de Sousa. Eu fui o primeiro gaiato a pôr aí os pés; ainda lembro a primeira ida para Paço de Sousa, no Mosteiro, que a nossa Aldeia não estava a ser levantada.

Após alguns meses, desejava estudar no Porto. Pai Américo, como não tínhamos naquela altura um Lar citadino, conseguiu uma bolsa de estudos e fiquei na morada de uma família. Depois, presença no Lar do Porto.

Frequentei, então, uma Escola na Rua das Taipas, durante cinco anos. «*Tu ficas conosco. Precisamos de ti...*», afirma Pai Américo.

Houve quem desejaria eu continuasse os estudos. Especialmente um Professor, que Deus haja, muito meu

amigo. Aliás, motivador da Faculdade de Economia do Porto.

Os anos passaram e todos os Amigos compreenderam a minha voz, sobretudo a de Pai Américo.

Terminado o curso, vim para Paço de Sousa. Pai Américo quis, então, digamos, um equipamento gráfico para a impressão d'O GAIATO. E não só...

PARTILHA — Assinante 29675, de Laranjeiro: «*Pequeno donativo que enche o coração. Muitas vezes andamos adormecidos. O que sobrar sabem o destino a dar, aos Pobres. Despeço-me com os meus cumprimentos e muita saúde para continuarem o vosso lindo trabalho.*»

Um remanescente, da assinante 48250, de Lisboa.

Trinta euros para O GAIATO e «*o remanescente para ser aplicado da melhor forma que entenderem. Não me é possível mais, mas a minha situação de aposentado não me permite.*»

Agora, o assinante 19148, do Porto, «*lembrança para pôr em dia as contas com o Famoso e o restante para a Botica esburacada. Deus super omnia.*»

Trinta euros, da assinante 72561, de Leça do Balio.

A conta da Farmácia foi mais uns centos de euros!

A nossa gratidão, em nome dos Pobres.

Eis o endereço: *Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.*

Júlio Mendes

Paço de Sousa

DESPORTO — Tínhamos dito que fíamos a casa da Briosa fazer festa. Não fizemos, mas divertimo-nos, e de que maneira, no Choupal, onde almo-

çámos. Depois de sabermos que alguém se tinha enganado na hora do jogo, do lado da Académica, fomos até à linda cidade da Figueira da Foz. Nem só a jogar a bola nos sentimos felizes!, se bem que, naquele extenso areal, ainda deu para brincar com a redondinha. Está visto que não temos sorte com os ares... de Coimbra. No entanto, e desta vez, não é tanto assim, já que o senhor Coordenador das camadas jovens daquela prestigiada Instituição, depois de se ter inteirado da situação, logo se prontificou vir a Paço de Sousa, com uma equipa da Académica de Coimbra. É bonito, quando as pessoas têm a humildade de reconhecer que erram. Para além do mais, o Grupo Desportivo de Paço de Sousa não está habituado a tratar as coisas de ânimo leve!...

No dia 4 de Junho recebemos o Futebol Clube Unidos Pinheirense. Fizemos dois jogos. De manhã, entramos em campo os Juvenis, que não deixaram ficar os seus créditos por mãos alheias e derrotaram os Unidos com golos de «Bolinhas» (1), Abílio (3), «Russo» (1), Ricardo Filipe (2) e Agostinho (1), contra um do «adversário». Tudo correu lindamente. De tarde, jogaram os Seniores e também ganharam por 4-2. Nem tudo decorreu como nós pretendíamos, devido à pouca sensatez de parte a parte. Se é verdade que nós precisamos de alguma contenção, não é menos verdade, que alguns dos nossos «adversários», precisamos de entender de uma vez por todas, que somos a CASA DO GAIATO e não outra instituição qualquer. Para respeitarmos, é necessário que nos respeitem. Não estamos na disposição de pagar a factura que não nos pertence. Eu sei que são casos isolados, mas... que ninguém julgue que somos «santos». Somos uma Obra que procura fazer de cada Rapaz um homem e não «santinhos de pau carunchento».

Independentemente do jogo, tudo decorreu às mil maravilhas. Veio muita gente a acompanhar os atletas. Passaram aqui o dia todo, e foram encantados com a beleza da nossa Aldeia, e até mesmo, com o nosso sistema de viver em família, tocando os instrumentos necessários, para que tudo esteja afinadinho. No final, deram chuteiras e bolas aos mais pequenos, e tudo acabou em festa.

Alberto («Resende»)

Ao Pai Américo

*Com os anjos partiste
Para junto de Deus,
Santo Pai Américo
Guarda os filhos teus.*

*Com a tua capa cobrias
Os tristes, desamparados.
Com teu amor sustentavas
Os filhos abandonados.*

*Santo foi Américo
Amor e verdade
Dá-nos só um pouco
Da tua humildade.*

*Santo Pai Américo
Ouve a nossa voz
Vai junto de Deus
E pede por nós.*

Leonilda, 28.06.2002

Setúbal

CAMPO DE JOGOS — Estamos a construir um novo campo de jogos. Os jogos que vão ser feitos lá são: futebol, basquetebol, andebol, voleibol, etc. O «Fernandinho» está a tirar terra com a máquina para nivelar o terreno. O Júlio e o Hélder andam a marcar o sítio das sapatas. Ainda há muito trabalho pela frente. No próximo jornal daremos mais notícias.

PISCINA — Está a funcionar. O João é o responsável. O «Lota» e o «Lagarto» são de limpar a piscina. Os rapazes só podem lá ir quando estiver tudo em ordem. Estão satisfeitos por ela estar a funcionar. Esperamos que a estímem bem.

JORNALISTAS — Vieram cá entrevistar sobre a acusação de maus-tratos. Os rapazes acham mal porque nunca houve disso cá em Casa. Para saberem a verdade deviam falar com os rapazes.

MILHO — Andamos a semear. A terra tem de ser lavrada, depois passa-se a grade e faz-se a sementeira. Dá muito trabalho semear o milho, mesmo com a ajuda das máquinas. Quando o milho estiver grande, faz-se com ele a silagem para as vacas.

DESPORTO — Os rapazes mais velhos foram jogar com os de Paço de Sousa. Um jogo bem disputado, com um ambiente de amizade. Vieram todos satisfeitos com o convívio que houve entre todos.

Ángelo Pires

Associação de Antigos Gaiatos do Norte

CINQUENTENÁRIO — Tradicionalmente, o 16 de Julho é um dia de família reunida em volta das duas mesas: o Altar, alimento da alma; e a mesa do convívio que, com alegria, é posta neste dia.

Este ano, porque especial, gostaríamos de ver essas mesas repletas de convivas, tanto dos nossos que por aqui passaram e têm marcada na memória a vida que lhes foi dado viverem, como de Amigos da Obra da Rua, admiradores de Pai Américo, todos aqueles que, por suas mãos, nos trazem a possibilidade económica de existirmos e o seu carinho e força para continuarmos a ser quem somos, fiéis aos princípios testamentários que Pai Américo nos legou.

A festa do 16 de Julho, em nossas Casas, é uma festa simples, gaiata, feita do que somos e de como somos. Não tem aparato das festas de salão nem momentos de discursos com palavras politicamente correctas para o momento. O 16 de Julho é, para os antigos gaiatos, o encontro e reencontro com outro tempo, outra vivência. É o dia de partilhar histórias, mas também de partilhar vivências: de como fomos seguindo as nossas vidas com os conhecimentos aqui adquiridos e de como eles nos acompanharam e nos levaram ao que hoje somos. Transmitir

este testemunho à Comunidade residente, pela nossa presença, tem sido um bem, que pode estar escondido na mente dos mais novos, mas que a seu tempo despertará e resplandecerá.

Cinquenta anos da morte de Pai Américo é data irrepetível. Saibamos fazer este dia histórico, para que quem nos olha de soslaio saiba que temos orgulho de ser quem somos e que não nos causarão moça, porque estamos unidos e fiéis e orgulhosamente gratos a quem tudo nos deu sem nada pedir em troca.

Recentemente, demos notícia do programa para os dias 15 e de 16 de Julho pedindo, também, a colaboração de todos, pois a data é especial e os tempos que correm nada fáceis. Até hoje quase ninguém respondeu ao nosso pedido. Porque será?!...

Por sugestão de um colega, para o momento da deposição da coroa de flores no túmulo de Pai Américo, ficou estabelecido que se fará a leitura de alguns dos seus textos a que se segue um comentário feito por um dos nossos Padres. O que obriga a antecipar um pouco a hora que foi anunciada, trinta minutos (10h00).

Um apelo: «Sou eu, meus filhos; nenhum de vós tenha medo» (Pai Américo, *Cantinho dos Rapazes*). Vamos estar em força, alegres e presentes com toda a dignidade nesse dia.

Não te esqueças de trazer algo para alegrar a sobremesa e a merenda dos nossos mais pequeninos!

Júlio Fernandes («Régua»)

Malanje

O Joãozinho, um dos nossos, desde pequeno nesta Casa, cresceu e fez-se homem. Tem a responsabilidade da agricultura, assim como a dos operários. Os terrenos são preparados por ele: lavra, grada, alisa, coloca as sementes, previamente seleccionadas, na terra. Canteiros de cebolo, tronchuda e repollo, nasceram em força, mas um descuido humano deitou tudo a perder. As chuvas fortes, acompanhadas de ventos e trovoadas, levaram tudo à sua frente não deixando um só canteiro. A natureza é assim. Há que precaver as regras elementares para que não aconteça a desgraça, como destapar os canteiros pela manhã assim como cobri-los no fim do dia. O que não aconteceu. O remédio foi preparar novos alfobres, esperando mais atenção por sementes tão delicadas. Os nossos campos estão cheios de milho, feijão, batata doce e mandioca. O milho já maduro, é colhido pelos nossos rapazes e operários para que não se perca. Pelas duas da tarde, o Padre Telmo arranca para a Carianga com o grupo. Batata doce que estava em vias de se perder por falta de água, está agora mais vigorosa. O feijão, de igual modo; se as cabras do povo que por lá vão, de vez em quando, o deixarem crescer, será uma boa colheita; a mandioca, que pega de estaca, não nos preocupa tanto. Retiramos as ervas daninhas para que cresçam saudáveis e assim possam dar o fruto desejado. Nós também somos semente lançada por Deus, que nasce, cresce e morre. Conosco trazemos também ervas daninhas que pelo Baptismo são eliminadas. Há que acompanhar o crescimento com o Corpo e Sangue de Cristo para que o fruto seja bom. O

PARÓQUIA DE S. NICOLAU

Jornada de recordação

CONFORME combinado passamos a dar conhecimento dos vários momentos que irão constituir a jornada de Recordação do 50.º Aniversário da morte do Padre Américo, no dia 16 de Julho (à tarde).

15h30 — Cerimónia de abertura, ao ar livre, no largo do Padre Américo (no Barredo/Ribeira).

16h00 — Inauguração da exposição evocativa da vida e Obra do Padre Américo — com destaque para o mês de Julho de 1956.

18h00 — Eucaristia, na Igreja Paroquial de S. Nicolau.

A exposição terá lugar no Salão D. António Ferreira Gomes, também no Barredo e pertença da Paróquia e, pelo menos, estará aberta ao público até 24/07/2006, inclusive.

Setúbal

Adultos, sede adultos

PARAFRASEANDO deste modo Paulo VI, quero exortar e chamar à verdade todos aqueles que o deviam ser e não têm sido.

Não tenho muita esperança de chegar aos fazedores de opinião pública. Se eles quisessem, poderiam conhecer a verdade.

Eles chegam à nossa porta e não entram. Dão as suas sentenças e manipulam a informação do lado de fora.

De uma vez, disse a um senhor jornalista que viesse conhecer-nos, não pelo telefone, mas no contacto directo com todos nós. Disse-me que viria... Até hoje!

É preciso que venham. Estar connosco um dia inteiro, pelo menos. Falar e ver o que cada um de nós faz, todos os dias. E depois mostrar ao mundo, qual luz sobre o alqueire, quem somos, o que fazemos, como vivemos.

Entre aquilo que eles pensam e dizem e a nossa realidade, vai a distância que existe entre dois modos de viver completamente distintos. Os preconceitos que dirigem a sua forma de pensar, tornam-se ridículos aos nossos olhos.

Neste processo em que agora nos envolveram, tão mediatizado,

exame de consciência, arrependimento e confissão, são óptimos remédios contra as intempéries das nossas fraquezas e para um bom crescimento da nossa vida.

Hoje, é Domingo de Ramos, a celebração começou na varanda da casa principal, falada em português e traduzida em kimbundo, fazendo um corredor humano até à nossa Capela. Após as leituras, seguimos, em procissão, para junto do altar. A Celebração da Eucaristia começou com o povo a cantar alegremente, em kimbundo. O comportamento na Casa de Deus é um exemplo a seguir, com alma e coração, rezavam e cantavam o ofertório levando consigo, até ao altar, alguns frutos de suas lavras. No fim da Celebração um grupo cantou a nossa Senhora. Que bom estar presente, ouvindo e rezando com este povo de fé.

Vamos continuar o dia com alegria, esperando a Ressurreição do Senhor, ouvindo de regresso a suas casas um grupo de rapazes e raparigas, cantando e dançando suas cantigas. Que a Páscoa seja para todos a esperança de um mundo melhor.

Júlio Silva

Lar do Porto

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — É com prazer que recebemos as vossas cartas e as vossas ofertas. As vossas mensagens incentivam-nos, sem a vossa ajuda a nossa Conferência não podia acudir aos nossos irmãos carenciados, pois são eles o motivo da nossa existência.

Queremos pedir desculpa aos nossos amigos por não darmos notícias com a frequência a que estavam habituados, mas por motivos particulares as nossas reuniões passam a ser efectuadas uma vez por mês, mas as nossas visitas aos Pobres continuam como habitualmente, tentamos estar presen-

e em que somos acusados por dois rapazes que fugiram de cá, um outro que foi raptado pela mãe e outro que continua nosso, estão presentes razões para justificar a fuga dos primeiros, a necessidade de obter uma casa por parte da mãe do terceiro, e o desejo de vingança dos irmãos do último. Tudo fantasias inventadas pelos rapazes ou seus familiares que, sem olhar a meios para obter os seus fins, lhe serviram de pretexto. Aos rapazes compreendemo-los. Sabemos

como eles agem. Tudo isso é próprio da sua idade.

O que já não entendemos é porque os adultos perdem o bom senso e toda a bondade. Como se deixam arrastar por fantasias que nascem da necessidade de justificação das crianças. E principalmente daqueles adultos que têm grandes responsabilidades sociais pela profissão que exercem. Actuam como cegos a conduzir outros cegos.

A nossa vida está, como sempre esteve, aberta, transparente para o exterior, às escancaras. Nem sequer existe um portão ou muro a separar-nos do exterior de nossa Casa.

Por tudo isto, é muito necessário dizer hoje: Adultos, sede adultos!

Padre Júlio

Dores da família de fora

«As páginas d'O GAIATO continuam a ser, para mim e para muitos, motivo de força e coragem, clarividentes em relação aos que querem obscurecer a grande Obra de Padre Américo. São 'cegos' que não querem 'ver'. Que é que os move? Poder... ambição, presunção de que só os seus métodos resultam? Os resultados estão à vista. A imprensa diária põe-nos a par do que vai acontecendo com crianças e jovens que estão sob a 'protecção' de algumas associações de protecção de menores. É com tristeza que o vou constatando.»

Assinante 17478

«Deus escreve direito por linhas tortas. Todo este ataque à Obra da Rua serviu para 'acordar' muita gente para a necessidade de ajudar mais a Obra. Foi o que aconteceu comigo, senti a necessidade de os apoiar e assinar O GAIATO! Aqui vai a minha pequenitíssima ajuda, mas logo que possa mando mais.»

Teresa

tes, sempre que possível, apesar da distância que nos separa.

A nossa Conferência continua viva e com energia para ajudar, apesar de estarmos limitados em mão de obra, mas com a ajuda de Deus e do nosso querido Pai Américo, temos fé que os nossos Amigos vão continuar a dar-nos apoio para podermos manter os compromissos com os nossos Pobres, que aguardam sempre com ansiedade a nossa e vossa ajuda.

Das famílias que visitamos, algumas estão a ficar com as maleitas da idade, outras com dificuldades em educar os filhos, pagar a renda, água, luz, compra dos géneros alimentares e medicamentos.

Quanto aos medicamentos, apesar de terem uma taxa diferente, devido ao seu rendimento, continua a ser muito caro o que fica a cargo do utente, continuamos a dizer que, para as famílias de baixo rendimento, devia haver uma taxa mais baixa à que está a ser praticada. Mas, para isso, tem de haver um controlo, não sabemos como, mas cabe ao Governo do nosso País pensar numa solução razoável, uma vez que todos os que estão abrangidos por esta taxa especial têm de apresentar declaração dos seus rendimentos todos os anos nos Centros de Saúde a que pertencem.

Uma das situações com que nos deparamos com frequência e até nas nossas Casas é que há medicamentos que estão a ser utilizados pelos utentes pela primeira vez, mas que reagem mal no seu efeito, no entanto essas embalagens na maior parte têm 30, 60 ou mais comprimidos à qual se pagou uma pipa de massa que vai para o lixo. O utente tem de voltar a nova consulta e comprar novo medicamento sujeito a acontecer o mesmo. Para a primeira vez que toma o medicamento devia haver embalagens tipo amostra e caso o doente se adaptasse bem pedia nova receita, nem era necessário ir a nova consulta, aqui estava-se a prestar um bom serviço ao cidadão e a minimizar os custos para o utente e estado.

Estas famílias mal ganham para o seu sustento, quanto mais verem o dinheiro no lixo, Há que respeitar um

pouco mais e não menosprezar quem precisa.

A nossa Conferência, neste momento, tem oito famílias a seu cargo, no total de 28 pessoas, que todos os meses tentamos ajudar e manter, mas para podermos continuar, o vosso apoio é muito importante e fundamental.

O QUE RECEBEMOS — Amiga IRD, a sua oferta habitual; assinante 34788, 30 euros; anónimo, cem euros; Assinante 18913, o seu donativo; Amiga, de Fiães; M.M., 50 euros; Amiga, de Braga, 92 anos, o nosso obrigado pelo seu donativo; Isolina Almeida, cinquenta euros.

Conferência de S. Francisco de Assis, Rua D. João IV, 682 — 4000-299 Porto.

Casal Félix

Miranda do Corvo

GADO — Temos quatro porcas prenhas e uma que já pariu. A que já pariu tem sete leitõesinhos. Temos uma vaca prenha.

JARDINS — Já arranjámos o da palmeira ao pé da fonte que ficou muito giro e o jardim atrás da sala de televisão está a ser arranjado.

HORTA — Os rapazes semearam cebola, couve, feijão, abóbora. Está no tempo de desvestar o milho.

ESCOLA — Está quase a chegar o tempo das férias grandes. Os rapazes estão agora mais empenhados nos estudos para ver se passam de ano.

CASA DA PRAIA DE MIRA — Alguns rapazes foram lá fazer limpezas. A nossa casa da praia estava muito suja.

João Pedro

DOCTRINA

Os homens fortes são aqueles que conhecem a sua fraqueza



NADA menos de sete: O Adriano, do Porto, de cinco anos; o Mário, de outros tantos e da mesma terra; o Fernando, de Matosinhos, de pouco mais; o Jorge, de Caide, da mesma sorte; o Joaquim, de Cinfães, com dez: e os mesmos têm o Miguel, de Coimbra; e, finalmente, o Eduardo Vitória, que não sabe quem é, nem que idade tem. Manobravam os quartos interiores da casa. Havia mandantes, havia mandados e ainda os que estavam à coca, não viesse algum impertinente dar com ele em função. Uma «organizaçõzinha» prometedora... Com o produto, iam fora a uma loja por guloseimas. Não ia sempre o mesmo, para despistar. E davam recado ao vendeiro de que a senhora é que mandava, em prémio das suas obras. Mentira puxou sempre mentira!

A gente deleita-se quando estes casos se dão imediatamente à chegada deles a nossas Casas, como no presente. Todos eles têm poucas semanas de estágio entre nós. O mais velho é o Fernando, de Matosinhos. A pequenina «quadrilha» já entrou em cura. O nosso laboratório é a ampla sala onde eles comem. Depois de uma sopa quentinha e muito adubada, estão aptos a escutar grandes palavras e a tomar generosas resoluções. Também se espera muito dos bons ofícios dos que chegaram com estes hábitos e hoje já os não têm. Que os aconselhem. Que sejam camaradas. Os nomes de cada um dos delinquentes aqui publicados e lidos por um dos nossos maiores, em acto de Comunidade, é outro remédio que pode levar à cura. Quase todo o rapaz que chega das ruas traz o hábito do furto. É uma consequência lógica da vida que eles levam. Todos escorraçam os garotos dos sítios tentadores: lojas, mercados, apertos, por toda a parte. Sabe-se, de antemão, que ele rouba. Parece não se saber, ou finge-se que não se sabe, a forma de evitar este horrível mal para todos nós. Eles são legiões. Amanhã, não haverá trancas nem chaves que os segurem.

OS nossos «criminosos» de que se ocupa esta crónica, hão-de achar-se, compreender e emendar-se, porque o nosso método a isso os encaminha. Os remédios aplicados são de ordem espiritual. E à noite em Comunidade. Pintamos de negro o roubo mai-los ladrões. Contamos casos. Encarecemos a honestidade. As palavras incidem na alma deles puxadas por convicção.

NÓS levaríamos à conta de crueldade — e, por isso, nunca o fizemos — N imputar-lhes as culpas de todos nós! Não é de maneira nenhuma escorraçando, que nos defendemos deles; é mas é chamando-os para ao pé de nós e amá-los sem medida. Conquanto a palavra roubar seja o verbo que designa o acto deles, quando chegam de fora nunca lho disse, por pudor. Não a acho adequada.

DE uma vez, um pequenino vendedor d'O GAIATO adiantou-se em meia dúzia de escudos. Eu soube e calei-me. Veio a próxima quinzena e o rapaz não foi vender. Veio a terceira e aconteceu na mesma. O rapaz andava triste; muito mais andava eu. Um dia, perguntei-lhe de mansinho se ele já estava capaz de ir vender. Disse-me que não! Os homens fortes são aqueles que conhecem a sua fraqueza. Este rapaz, como tantos que vivem nas Casas do Gaiato, é esperança vindoura. ainda hoje andaria escorraçado das tendas, por roubar, se não tivesse tido a boa hora de aprender connosco o que é o roubo. Aonde os rapazes maus? Aonde os indesejáveis? Aonde a «crápula»?

P. Américo

(Do livro *Doutrina*, 1.º vol.)

Associação de Antigos Gaiatos de Lisboa

A Direcção reuniu no passado dia 6 de Junho para elaborar um plano comemorativo para o cinquentenário da morte de Pai Américo.

Justo será dizer que seremos sempre gaiatos.

Estiveram em debate várias pontos, entre eles o estado actual da Obra da Rua, situação que em tempos próximos fará correr muita tinta.

Decidimos, então, participar nas comemorações da seguinte forma: estar presentes na celebração dominical de 16 de Julho na Casa do Gaiato do Tojal, apelando desde já a todos os interessados a se juntarem em Lisboa para que, desta forma simples e saudosa, consigamos prestar homenagem

ao nosso Pai. Também aos que quiserem estar presentes em Paço de Sousa poderão entrar em contacto com a Associação para que possamos informar a Associação de Setúbal, uma vez que será de lá que sairão os autocarros para o Norte, mas com paragem em Lisboa. Alerto os interessados a ir ao Norte que terão de dispendir 5 euros para o autocarro e que o mesmo estará à porta da Casa do Gaiato do Tojal pelas 5h45.

Em Lisboa tentaremos encontrar diferentes formas comemorativas para lembrar Pai Américo e contamos com todos, a partir das 10h30, na Casa do Gaiato do Tojal, só precisamos da tua confirmação para que consigamos preparar o repasto. Participa.

Estaremos presentes em todas as reuniões convocadas pelas Associações, assim elas o entendam.

Contactos da Associação:
email. a.a.gaiatoslx@sapo.pt,
Cela 936446817
Ángelo 965716624.

Ángelo Ferreira



Benguela

Houve festa

HOUVE festa e toda a família participou. Tudo foi muito lindo. As notícias que recebi, falam da alegria que envolveu a nossa Casa, nesse dia.

Dez rapazes, já crescidos, receberam o Sacramento do Baptismo. Há quanto tempo era desejado por eles!? A hora chegou. Fizeram a sua preparação. Foram postos à prova, ao longo do tempo! Perseveraram. A graça trabalhava com as suas vontades. E a porta de entrada na família de Deus abriu-se, de par em par, pela fonte regeneradora da água baptismal.

Há dois factores determinantes para a descoberta do mundo novo, sadio, atraente, carregado de felicidade. São eles: a vontade e a graça.

Tirar as crianças do eclipse do amor em que, tantas vezes, viveram e vivem mergulhadas e mostrar-lhes que são amadas, de verdade, é tarefa apaixonante do educador. E que caminho mais verdadeiro existe que não seja o Caminho de Deus. As crianças são generosas. Abrem-se e agarram-se à verdade quando a vêem estampada nas palavras e no exemplo dos seus educadores.

Mostrar, por exemplo, às crianças abandonadas que não são fruto do acaso, mas entram no plano amoroso de Deus Pai, é missão sublime de quem assumir o lugar de pai e mãe dos filhos que os perderam. O Baptismo tem, pois, um significado muito rico na vida deles. Sentem-se integrados na grande família de Deus.

Pai Américo assim viveu. E deixou a herança da sua vida aos seus seguidores. São comoventes as suas

palavras deixadas em testamento aos Padres da Rua, a recomendar o cuidado primário que deve merecer a alma do rapaz. O refeitório, sim. A escola, sim. A capela está no centro. Eis os três pilares do projecto educativo da Casa do Gaiato. Ao falar da escola não se pode esquecer o sentido mais abrangente possível. Todos os espaços que visam a preparação dos rapazes para a sua integração social.

São escola, também. As nossas oficinas, por exemplo, são, antes de mais, escola onde os rapazes podem completar a sua preparação para a vida. Assim acontece em nossa Casa do Gaiato de Benguela.

A propósito, recebi a notícia da oferta de emprego a um grupo de rapazes electricistas que, depois de fazerem o seu curso, estiveram em nossa oficina para praticarem e aperfeiçoarem a sua preparação.

As oficinas foram o primeiro edifício da nova Aldeia a ser construído. Já têm 41 anos. Delas saíram as portas, janelas e todas as estruturas para o conjunto de edifícios. Passaram por todas as guerras de Angola. Continuam, agora, de pé, a cumprir a sua missão. São escola, dentro da formação integrada, para os nossos rapazes mais velhos. Necessitam, contudo, neste momento, de renovação. A maior parte das máquinas da oficina de carpintaria vem da origem. Algumas estão muito cansadas e sofreram desgastes que não lhes permitem dar o rendimento necessário.

Recordo o momento feliz do meu encontro com o director da Fundação Gulbenkian para África, no início dos anos 60. Vimos o edifício das oficinas em construção. Não sabia aonde ir buscar o dinheiro para as máquinas. O homem certo estava no lugar certo. A Fundação deu o dinheiro para a compra de todas as máquinas. E, agora, para a renovação? Tenho a esperança de que para uma causa tão nobre e tão alta haverá a resposta.

Padre Manuel António

PADRE AMÉRICO

Páginas Escolhidas

SÃO muitos, e havemos de ter ocasião de dar aqui à estampa alguns deles, os escritos em defesa da Mulher, postergada ao longo dos séculos não só na consideração social como pela injustiça de que era vítima na abordagem e tratamento dado a pecados sociais em que aparecia como única culpada.

Hoje, porém, quero sublinhar o respeito de Pai Américo pela Mãe que, mesmo não sendo exemplo de virtude, «é o derradeiro (elo) a quebrar no amor aos filhos».

Era assim há cinquenta anos... e mais — eu próprio ainda cheguei a tempo de o testemunhar. Nos últimos decénios, os movimentos feministas fizeram-se sentir — e foi razoável; só que nem sempre por caminhos guiados pela razão e pela justiça — desequilibrados, pois.

E aconteceu que o abandono a que tantos filhos foram votados e

os fez ser nossos, foi crescendo em número e em intensidade dramática pela demissão das mães.

Escutemos Pai Américo:

«Chegou-nos um pequeno que parece andar na casa dos dez. Ao que apurei, ele tem a mãe na cadeia, ia comer o rancho às grades e mendigava nas redondezas. Como estamos em maré de piões e há setenta deles a bailar cá em Casa, o Manuel, que assim se chama o novo gaiato, compreendeu num relance que a vida aqui não é para penas e começou a jogar. Na tarde desse mesmo dia, foi visto mais os do campo a participar dos seus trabalhos e infinita alegria. Tem uns olhos cheios de expressão. Narra a tragédia da vida sem saber medir, pela idade que tem, a altura da sua desgraça.

— Andava um homem mais nós, mas agora não quer saber.

Era um grupo de pedintes de feiras. A prisão da mulher afastou o homem e ficou o pequenino preso ao amor de mãe, que é o derradeiro a quebrar. Ela reparte do seu minguado rancho; nem se lhe dava abrir as veias, que o amor tem mais força do que a morte. O ferro das grades não impede que ela se aproxime do fruto da sua fraqueza. Eu não me atrevo a chamar-lhe fruto do seu pecado; que o digam os mais.

— Roubou na feira de Margaride, já está presa há mais de um ano.

E o pequenino Manuel vai desfiando contas de amarguras que não sente, enquanto o adormeço num leito de roupa lavada.

Soube mais: que o pai da condenada é um proprietário do Minho, que não quis receber a filha por lhe ter caído uma nódoa. Se o pai soubesse perder, tanto bastaria para lavar a primeira nódoa e não teríamos hoje a enlameada. Quer-me parecer que o verdadeiro pecado vem do acto do pai!»

Padre Carlos

PENSAMENTO

A nossa vida religiosa consta dos dez Mandamentos da Lei de Deus. Existem Capelas nas nossas Casas do campo, para a oração comum; todas contruídas de raiz e formosas. A Missa, ao Domingo, é obrigatória. Guardam-se os dias santos. Festejam-se solenemente os dias tradicionais dos Mistérios de Jesus. Promovem-se Retiros. Assinalam-se as primeiras sextas-feiras do mês. Se algum rapaz sente inclinação por uma vida de piedade mais intensa, pode falar. E também pode falar para dizer que não quer ir ao Retiro anual nem fazer as primeiras sextas-feiras ou ainda quaisquer actos a que não seja obrigado pela tradição da Santa Igreja Católica.

PAI AMÉRICO

onde a vida familiar se desenrola com reflexões apropriadas a cada lugar. Era por volta do meio-dia, não terminámos sem lembrar a Rainha do Lar, Nossa Senhora, a Quem entregámos esta família. A seguir fomos para a sala de jantar, onde almoçámos descontraidamente, pois aquele dia era Domingo...

Neste contexto festivo e de intimidade, a partilha da vida acontece de forma inevitável. É o «baú» das memórias e das emoções que fizeram da sua vida um êxito. O «mundo» não sabe nem sonha a grandeza destes momentos e destas vidas. Tempos tão diferentes dos actuais, reconhecemos todos, de forma desapassionada. Muita coisa mudou... e no plano da educação, nem se compara. Os tempos são outros, as exigências também. Que fique o essencial, os valores, a família, essa matriz indispensável para o êxito de qualquer esforço ou investimento educativo.

A «trave-mestra» que conduziu este e outros a construir a sua própria habitação e ao êxito sócio-profissional da sua vida, foram esses anos, aparentemente enfadonhos, hoje tão olhados depreciativamente por certos intelectuais de circunstância, em que esteve sempre presente uma educação de matriz familiar. Vale a pena aqui recordar o sábio pensamento de

Pai Américo: «onde falta a família tudo o mais são remendos». Quer dizer, na falta dela, toda a acção educativa deve ser um regresso a ela. Por outras palavras, ainda de Pai Américo: «todo o progresso social deve ser regresso a Nazaré...» Claro que este «regresso» há-de ter em conta as novas aquisições das ciências humanas, não as pode ignorar. Por exemplo, a dinâmica familiar que dimana da formação e da orientação de grupos mais pequenos... A massificação, como sabemos, é corrosiva.

No nosso longo e amigoso diálogo; para além da relação familiar entre todos, como factor de coesão, não podia faltar a referência ao educador. Assim, a figura do Padre Horácio, frequentemente referenciada. A continuidade, a persistência; o «seu estar ali», nas horas banais e nas decisivas, de forma desinteressada, marcou ritmos e ofereceu segurança. É a persistência do educador que nunca desiste; esta persistência é o discurso educativo em «off». Os laços afectivos criados nesses anos de vida em comum são inesquecíveis e perduram como recurso vital pela vida fora. Ali, naquela bela tarde o podemos constatar, não que o ignorássemos. Mas porque era Domingo, um dia especial.

Padre João

Tribuna de Coimbra

Bênção da casa do João Paulo

COMO estava combinado, ontem, Domingo, procedemos à bênção da casa do João Paulo. O Domingo continua a ser aquele dia especial da semana que marca o ritmo no descanso, mas também na vida das pessoas que um dia aceitaram Jesus Cristo como referencial das suas vidas. Não há dia como o Domingo! O Domingo rompe sempre essa espécie de «anel» em

que a rotina teima fechar-nos... Nele tudo pode ser decidido; tudo pode começar de novo. O Domingo é antídoto apropriado e eficaz contra a rotina da vida e da alma.

Quis o «destino» que o nosso Gaiato, aqui criado, ficasse nosso vizinho. A Adelaide, sua mulher, cresceu também ela «paredes-meias» com a Casa do Gaiato. A proximidade e o amor de Deus

os uniu no Sacramento do Matrimónio.

O dia da bênção da sua casa, já há muito construída, foi uma ocasião muito agradável, primeiramente para rezarmos todos juntos. A entrega a Deus da vida e dos haveres é sempre uma «mais valia». Estavam os seus sogros e o seu filho, um rapaz já adolescente. Invocámos a bênção de Deus para a casa nos diversos compartimentos,